

O discurso citado na construção do *ethos*: análise discursivo-argumentativa de *O país do carnaval*, de Jorge Amado / *Reported Speech in the Construction of the Ethos: Discursive-Argumentative Analysis of The Country of Carnival, by Jorge Amado*

Eduardo Lopes Piris*
Darling Moreira do Nascimento**

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise discursivo-argumentativa do romance *O país do carnaval*, de Jorge Amado, focalizando as categorias do discurso citado e do *ethos* discursivo. Parte do pressuposto de que o *ethos* do romancista é construído com base no diálogo entre o “seu” discurso e as posições e valores ideológicos do discurso alheio. E assim articula o conceito de discurso citado postulado pelo Círculo de Bakhtin e o conceito de heterogeneidade enunciativa formulado por Authier-Revuz, para compreender os mecanismos de construção do *ethos* discursivo: um modo de dizer e de ser sócio-historicamente reconhecido, que legitima a inscrição do discurso numa determinada formação discursiva. Desse modo, pretende-se depreender o posicionamento ideológico do autor Jorge Amado na polêmica entre os vários discursos que tentam explicar o sentido da vida em *O país do carnaval*.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso citado; *Ethos*; Romance; Jorge Amado

ABSTRACT

The aim of this paper is to present a discursive-argumentative analysis of the novel The Country of Carnival, by Jorge Amado, focusing on the categories of reported speech and discursive ethos. It is assumed that the novelist's ethos is built on the dialogue between “his” discourse and the ideological positions and values of the speech of other. Thus, the concept of reported speech postulated by the Bakhtin Circle is articulated with the concept of enunciative heterogeneity formulated by Authier-Revuz, in order to understand the mechanisms of construction of the discursive ethos: a way of saying and being socio-historically recognized that legitimates the inscription of the discourse in a particular discursive formation. Therefore, it is intended to infer the ideological positioning of the author Jorge Amado in the controversy among the discourses which attempt to explain the meaning of life in The Country of Carnival.

KEYWORDS: *Reported speech; Ethos; Novel; Jorge Amado*

* Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil; elpiris@uesc.br

** Discente da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, Bahia, Brasil; FAPESB; darling_moreira@yahoo.com.br

Introdução

Refletir sobre a argumentação no discurso literário - tanto em seus gêneros ficcionais (o romance e o conto, por exemplo), como em seus gêneros não-ficcionais (a crítica literária, o prefácio etc.) - ou em outros discursos, tais como no político (o pronunciamento parlamentar), no jornalístico (o editorial), no religioso (a homilia), suscita questões sobre as particularidades da adesão nas mais variadas práticas discursivas.

No caso do gênero “romance”, não podemos dizer que a adesão está relacionada à construção do assentimento do leitor às teses apresentadas pelo romancista por meio de seu narrador, de suas personagens ou de uma personagem caracterizada como o *alter ego* do autor, porque isso equivaleria a dizer que o romance possui, explicitamente, uma visada argumentativa (AMOSSY, 2011), ou seja, que o romance seria um gênero de discurso cuja finalidade primeira consistiria em fazer convencer o seu leitor sobre um determinado ponto de vista.

Essa é uma questão que coloca algum problema se pensarmos em romances históricos, romances de tese, romances policiais, biografias e autobiografias, pois a forte recorrência aos efeitos de sentidos de “real” (BARTHES, 1988) na construção da narrativa nesses gêneros propõe ao leitor um ilusório retorno ao mundo empírico, sem que ele perceba que está diante da projeção de um mundo discursivamente construído pelo autor (enquanto princípio discursivo), de acordo com as categorias semânticas e as grades axiológicas características da formação discursiva na qual “seu” discurso se inscreve.

O romance amadiano *O país do carnaval*, por exemplo, alude em seu título a um referente que remete o leitor a um lugar empírico no mundo, o Brasil. Apresenta, também, inúmeros referentes histórico-geográficos que permitem que esse romance, que é literário, seja tomado como fonte para estudos de historiadores, geógrafos, entre outros. E o que dizer, então, do romance policial *O código Da Vinci?* A condução da narrativa e a argumentação empreendida pelas personagens desse *best seller* exploram os referentes históricos e os efeitos de real de tal maneira que levam o leitor a acreditar que está diante de uma tese revisionista. Nesses dois casos e em tantos outros, ocorre que a forte recorrência aos efeitos de real projeta a ilusão de que a obra literária seja um texto histórico “romanceado”.

Na perspectiva teórica apresentada por Ruth Amossy (2011), que entende a argumentação como um ramo da Análise do Discurso, podemos compreender que os discursos possuem dois níveis distintos de argumentação: uma dimensão argumentativa e uma visada argumentativa. No primeiro nível, estariam todos os tipos de discurso, uma vez que a argumentação é concebida como uma dimensão constitutiva da própria linguagem, em que o dizer implica, necessariamente, uma determinada orientação argumentativa, uma tomada de posição, uma adesão a um discurso e não a tantos outros que mantêm com ele uma relação de concorrência.

No que tange ao discurso literário, ao lado da dimensão argumentativa, há a argumentação que se manifesta nas vozes das personagens dos gêneros prosaicos, tais como o conto e o romance, pois podemos notar que, do ponto de vista enuncivo, as personagens da trama narrativa apresentam uma intencionalidade explícita de convencer umas às outras, configurando o que Amossy chama de visada argumentativa, enquanto que, do ponto de enunciativo, podemos reconhecer a dimensão argumentativa estabelecida entre as instâncias subjetivas do autor e do leitor. Assim, o sentido da obra literária emerge não somente da relação entre enunciado e enunciação, como em qualquer discurso, mas também da relação entre a dimensão e a visada argumentativa presentes na obra.

Desse modo, partindo do pressuposto de que as vozes das personagens são projetadas na obra como simulacros de vozes sociais, ideológica e historicamente situadas, e transmitidas pelo discurso com a sua apreciação valorativa, o problema que pretendemos abordar neste trabalho volta-se (i) para a implicação da inter-relação entre contexto narrativo e discurso citado e entre discursos citados na dimensão argumentativa, o que corrobora a produção dos sentidos na obra literária, e (ii) para o papel que essa interdiscursividade argumentativa ocupa na construção da imagem do autor da obra literária: o *ethos* discursivo.

1 A argumentação no discurso

Segundo Amossy (2011, p.129), a Análise do Discurso, ao descrever o funcionamento do discurso em situação concreta de enunciação, deve também levar em consideração a dimensão argumentativa do discurso, ainda que sejam discursos

manifestados por meio de gêneros que não se caracterizam pela finalidade argumentativa. O romance literário é um exemplo disso, pois exerce sua influência sobre os modos de ver e de pensar do leitor, sem visar, explicitamente, ao seu convencimento.

A argumentação, vista como sinônimo de retórica, pode ser entendida como agente de modificação, de reorientação e de reforço da visão de mundo provocados sobre o auditório. Trata-se de fazer ver as coisas de uma determinada maneira e, assim, provocar uma ação sobre o outro. Assumindo a perspectiva dialógica da linguagem tal como postulada pelo Círculo de Bakhtin, Amossy (2011) entende que a análise argumentativa sequer precisa buscar a posição contrária apresentada na íntegra, uma vez que “a palavra é sempre uma resposta à palavra do outro, uma reação ao dito anterior que ela confirma, modifica ou rejeita” (AMOSSY, 2011, p.131).

Nesse contexto teórico, a dimensão argumentativa do discurso é caracterizada pela autora como dotada de uma estratégia de persuasão indireta e, por vezes, não admitida, podendo ser apresentada com o objetivo de descrever, narrar ou registrar experiências vividas (AMOSSY, 2011, p.131). Assim, o analista examinará a argumentação no discurso, voltando-se não para o encadeamento lógico dos argumentos, mas sim para a projeção dos pontos de vista construídos por meio de recursos discursivos, enunciativos e linguísticos como os conectores argumentativos, os dêiticos, a pressuposição, a estereotipia, a ambiguidade, a polissemia, a metáfora, a repetição, o ritmo, etc.

Para tanto, é preciso, igualmente, que se leve em conta a situação concreta de enunciação – ou seja, “quem fala a quem, em que relação de lugares, qual é o estatuto de cada um dos participantes, quais são as circunstâncias exatas da troca, quais são o momento e o lugar em que ela ocorre” (AMOSSY, 2011, p.133) – e os gêneros do discurso, com suas regras e restrições. Nota-se, portanto, que se trata de tomar a argumentação em sua dimensão institucional, social, histórica e cultural, o que aproxima muito a análise argumentativa do enfoque proposto pela Análise do Discurso de orientação francesa.

Estreitando um pouco mais essa relação entre argumentação e discurso, Amossy (2011) destaca, ainda, que “a argumentação se inscreve não somente na materialidade discursiva [...], mas também no interdiscurso” (2011, p.133). Isso significa que a

natureza constitutivamente heterogênea do discurso também deixa entrever a argumentação no discurso, o que nos leva a observar a dimensão argumentativa, por exemplo, das formas do discurso relatado (discurso direto, discurso indireto, discurso indireto livre etc.), dentre outras.

É importante observar que Amossy não apenas aproxima conceitos da Análise do Discurso para o quadro da análise argumentativa, como também promove a concepção de noções retóricas na perspectiva discursiva. Nesse sentido, a autora ressalta a importância de dois componentes clássicos da retórica aristotélica para a análise da argumentação no discurso, a saber: o *ethos* (construção da imagem de si no discurso) e o *pathos* (a construção discursiva da emoção que se pretende provocar no auditório) (AMOSSY, 2011, p.133-134).

2 O discurso citado: inscrição da heterogeneidade na sequência discursiva

Não nos parece exagerado dizer que o dialogismo é a tese fundamental postulada pelo Círculo de Bakhtin, uma vez que o diálogo afigura-se, conforme Bakhtin/Volochinov (2002), como uma das formas mais importantes da interação verbal, fenômeno social que constitui a verdadeira substância da língua. Trata-se de conceber o discurso como uma resposta a outros discursos, a qual se manifesta por meio de um tipo de diálogo que “refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p.123), caracterizando a própria natureza constitutiva do discurso.

No que diz respeito a *O país do carnaval*, romance de estreia de Jorge Amado, publicado em 1931, veremos que esse discurso literário mantém um diálogo constitutivo com discursos sobre a transição entre a República Velha e o novo governo e a transição entre o primeiro Modernismo e o neorregionalismo (DUARTE, 1996, p.39), respondendo, assim, a duas discussões complementares, a saber: uma, sobre o caráter do povo brasileiro; outra, sobre a finalidade da existência diante das transformações em curso no Brasil (1996, p.42). Dentre essas duas, percebemos que “a finalidade da vida”, mais especificamente “a busca pela felicidade”, afigura-se como a principal discussão conduzida pelo romance. Discussão essa representada por meio do confronto de teses antagônicas defendidas pelas personagens que buscam o sentido da vida. A esse

respeito, Duarte sintetiza o processo de construção da narrativa da seguinte maneira: “Tudo é feito para realçar as concepções em conflito, a trama sendo construída de modo a permitir as constantes discussões entre os defensores de cada uma das tendências” (DUARTE, 1996, p.42).

Do ponto de vista discursivo-argumentativo, a construção da trama narrativa por meio de discussões entre personagens configura a simulação de uma disputa argumentativa - que representa o conflito entre as posições ideológicas que se inscrevem no fio discursivo do romance - em torno da finalidade da vida, todavia uma disputa conduzida por meio de vozes delegadas pelo narrador do romance, cuja voz também se imiscui nessa polêmica.

Essa problemática suscita a noção de discurso citado, a qual corresponde às formas linguísticas de representação do discurso alheio, ou seja, a representação do discurso de um enunciador distinto daquele que é responsável pela enunciação do discurso. Nos termos de Bakhtin/Volochinov (2002, p.144), “o discurso citado é o discurso no discurso, um discurso sobre o discurso”. Devemos ressaltar, porém, que o discurso citado não corresponde ao discurso do outro em funcionamento, mas sim ao seu simulacro, que pode ser valorizado positivamente ou negativamente pelo discurso citante, de acordo com suas próprias categorias.

Vale ressaltar que o funcionamento do discurso citado sofre a influência dos gêneros discursivos e do contexto sócio-histórico, ou seja, as formas do discurso citado não são estanques, dadas *a priori*, mas sofrem variações. É nesse sentido que podemos compreender o que diz Bakhtin/Volochinov (2002) sobre as particularidades da transmissão da palavra do outro em discursos distintos, tais como o retórico e o literário, e sobre o lugar que o enunciador da voz citada ocupa num dado grupo social:

O discurso retórico, diferentemente do discurso literário, pela própria natureza da sua orientação, não é tão livre na sua maneira de tratar as palavras de outrem. [...]. Além disso, é importante levar sempre em conta a posição que um discurso a ser citado ocupa na hierarquia social de valores (p. 153).

Passemos a considerar, então, o funcionamento do discurso citado no gênero literário “romance”. Já sugerimos aqui que o concerto polifônico caracteriza a construção da discussão sobre a finalidade da vida em *O país do carnaval*, porém é

interessante notar que essa polêmica é introduzida por meio do monólogo interior da personagem principal, Paulo Rigger, no momento em que está deixando a França, para retornar ao Brasil:

Já descrera da felicidade. No fundo, entretanto, Paulo Rigger sentia que era um insatisfeito. Compreendia que faltava qualquer coisa na sua vida. O quê? Não o sabia. Isso torturava-o. E dedicava toda a sua vida à procura do *Fim*. “Sim, murmurava no tombadilho, olhando as ondas, porque toda vida deve ter, necessariamente, um *Fim*... Qual?” (AMADO, 1977, p.15) [grifos nossos].

Paulo Rigger fora mandado à França para estudar Direito, mas não levava a sério o objetivo de seu pai: fazê-lo um grande político e intelectual do país. A personagem é descrita como um tipo *blasé*, “contaminado de toda a literatura de antes da guerra, um gastador de espírito [...]” (AMADO, 1977, p.15). Assim, do excerto acima, destacamos que os fragmentos sublinhados consistem em ocorrências de discurso citado, a saber: o discurso indireto livre e o discurso direto, respectivamente. Nos dois casos, a oração interrogativa constrói a verossimilhança dessa personagem que vive seus conflitos internos e se encontra dividida entre as culturas europeia e brasileira, entre as expectativas criadas pelo pai e as suas próprias vontades, entre o que deve ser e o que não deve ser. Ainda no que tange aos efeitos gerados pelo discurso indireto livre, o apagamento da fronteira sintática e gráfica entre o contexto narrativo e o discurso citado da personagem projeta uma perspectiva enunciativa que acompanha de perto Paulo Rigger em seu conflito interno.

Esse conflito, todavia, estende-se às demais personagens do romance, o que amplia o número de vozes desse concerto polifônico sobre o sentido da vida, estilizando o romance em múltiplas perspectivas enunciativas e posições ideológicas:

Aquela amizade chegara a ser uma grande consolação para as suas vidas. Sentiam-se amparados uns pelos outros. Ajudavam-se e juntos procuravam a finalidade das suas existências. Depois de ter aprendido, com Pedro Ticiano, todas as atitudes cépticas, eles começaram um combate à dúvida. Queriam alcançar o *fim*. Sim, diziam, havia um *fim* na vida (AMADO, 1977, p. 36).

Conforme Bakhtin/Volochinov (2002, p.148), para compreender as formas do discurso citado é preciso levar em conta a relação entre o discurso citado e seu contexto narrativo, ou seja, considerar a “inter-relação entre o discurso narrativo e o discurso citado”, assim como integrá-la na construção do enunciado.

Assim, no enunciado supracitado, o contexto narrativo não apenas instaura a polêmica como lança sua apreciação valorativa sobre ela e sobre a condição humana dessas personagens. Se, no discurso citado, esses amigos apenas diziam e afirmavam que “sim, havia um sentido na vida”, é o contexto narrativo que os aprecia como um grupo de rapazes melancólicos, uma vez que se consolavam e se amparavam mutuamente devido à falta de um propósito em suas vidas.

Entretanto, diferentes respostas atravessam esse discurso melancólico em busca pelo sentido da vida. Inscrevem-se nessa polêmica o discurso cético, o romântico, o capitalista, o religioso e o filosófico. Pormenorizemos alguns desses atravessamentos, apenas para ilustrar nossa discussão teórica, sem a pretensão de exaurir os possíveis sentidos de *O país do carnaval*.

A voz da personagem Pedro Ticiano inscreve no fio discursivo do romance o discurso cético, ou seja, uma voz que rechaça a necessidade de encontrar a finalidade da vida, discordando do interesse de seus amigos. Poderíamos cogitar a hipótese de que Pedro Ticiano discordaria, inclusive, da proposta temática da obra, todavia, ao justificar suas negativas, a personagem também assume a discussão sobre o sentido da vida, como podemos observar nestas duas ocorrências de discurso direto:

Pedro Ticiano via:

– Há, sim. O *fim* é a morte... (AMADO, 1977, p.36).

[...]

Pedro Ticiano fazia frases:

– A felicidade reside na infelicidade, na insatisfação. Essa insatisfação, essa dúvida, o ceticismo é que devem ser a filosofia do homem de talento. [...]. O *fim* de não ter *fins*. (AMADO, 1977, p.46).

É interessante notar como *O país do carnaval* apresenta ressonâncias com o romantismo, pois, além de personagens melancólicas, há também uma personagem que idealiza o amor. É o caso de Ricardo Brás:

E [Ricardo Brás], quando pensava na finalidade da vida, idealizava sempre uma moça de grandes olhos tristes que fosse o tipo da esposa ideal (AMADO, 1977, p.37).

[...]

– Isto mesmo. O *sentido* da vida, a *finalidade* está no amor. Mas nesse amor de que eu falo: *amor-sentimento* (AMADO, 1977, p.46).

Todavia, trata-se de um discurso citado que é apreciado de forma negativa, pois a personagem Ricardo Brás, ao final do romance, ascende socialmente, conquista o cargo de Promotor em uma pequena cidade do Piauí, contrai matrimônio com D. Ruth, contudo não encontra a felicidade, que seria a finalidade da vida conforme o sistema de valores do discurso romântico tal como representado na obra: “Amava a mulher. E sentia-se profundamente, inteiramente infeliz” (AMADO, 1977, p.171).

Antes disso, ainda, esse discurso romântico é rechaçado pelo discurso cético de Pedro Ticiano, que, ao ser transmitido por meio do discurso indireto livre, se dilui no discurso da obra: “O amor é uma idiotice de românticos esfomeados” (AMADO, 1977, p.138).

Passemos a outro recorte. Consideremos, pois, o espaço discursivo estabelecido entre o que iremos chamar de discurso “consumista” e discurso “intelectual”, para abarcar os discursos que emergem das personagens Gomes e José Lopes:

Gomes sorria feliz. E quando a conversa girava sobre insatisfação e finalidade da vida, recostava-se na cadeira e ficava a ver, na fumaça do charuto, um palacete, autos caros, mulheres e coronéis, muitos coronéis a carregarem sacos de dinheiro... (AMADO, 1977, p.38).

[...]

José Lopes irritava-se às vezes com as *blagues* dos amigos. [...]. Fazer obra séria. Realizar qualquer coisa. Encontrar um caminho na vida.

– É preciso uma filosofia... [...] (AMADO, 1977, p.40).

Reunidos à mesa do bar, em busca do fim, Gomes oferece a sua resposta a essa questão sobre a finalidade da vida:

O Gomes, já serenado, lançou a ideia acompanhada de um soco no meio da mesa:

– Um diário! Vamos ter um diário!

[...]

– Sim, um jornal diário... O “Estado da Bahia”... (AMADO, 1977, p.59).

A personagem que representa o discurso consumista-capitalista é justamente quem consegue dar uma resposta ativa àquela melancolia instalada nos espíritos dos amigos. Porém, “só o Gomes, satisfeito [...]” (AMADO, 1977, p.61), pois os demais amigos não acreditaram no projeto do jornal como o fim para a vida deles:

a) A personagem que representa o discurso da intelectualidade, José Lopes: “José Lopes pensou: – Não acredito. Naturalmente, teremos desilusões, aborrecimentos...” (AMADO, 1977, p.61).

b) A personagem que representa o discurso romântico, Ricardo Brás: “Ricardo Brás também achava aquilo pouco para uma vida. ‘O trabalho não basta. É preciso amor...’” (AMADO, 1977, p.61).

Essas duas respostas discordantes são manifestadas explicitamente na forma do discurso direto e fortalecem o simulacro da discussão entre os amigos, acentuando a presentificação das personagens e o distanciamento do narrador dessa discussão, como se estivesse apenas repetindo a argumentação de cada um deles.

Como dissemos anteriormente, o fenômeno do discurso citado não se restringe à inscrição do discurso alheio na superfície discursiva, pois é igualmente importante levar em conta a maneira como esse discurso é integrado ou traduzido por aquilo que também podemos chamar de discurso citante. Em outras palavras, não basta estudar quais as vozes são simuladas por meio do discurso citado, é preciso relacioná-las com a voz de quem faz as citações.

Desse modo, notaremos que as personagens não estão argumentando (nem em simulação), uma vez que, segundo o contexto narrativo, as vozes discordantes surgem em forma de pensamento. Em outros termos, essa passagem é um dos exemplos daquele tipo de argumentação que se desenvolve no nível da enunciação (a dimensão argumentativa, cf Amossy), e não apenas no nível do enunciado, pois quem está argumentando, nesse caso, é o autor, por meio da figura do narrador.

3 A heterogeneidade na construção do *ethos*

No que toca à produtividade do conceito de dialogismo e da teorização sobre as formas do discurso citado, podemos dizer que os mesmos chegaram à Análise do Discurso graças aos trabalhos de Authier-Revuz, que, com base na tese do dialogismo

bakhtiniano e na tese do descentramento do sujeito lacaniano, elabora seu conceito de heterogeneidade enunciativa: “todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.69).

Interessa-nos focalizar, neste trabalho, que, para Authier-Revuz (1990, p.25-26), o discurso citado - ou discurso relatado, em sua terminologia - consiste em uma das formas da heterogeneidade mostrada do discurso, isto é, o conjunto de formas linguísticas que inscrevem o outro na sequência do discurso. Estamos tratando, portanto, de formas linguísticas que representam de diferentes modos a negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.

Desse modo, entendemos que todas as instâncias subjetivas presentes em *O país do carnaval*, representadas pelas personagens analisadas acima, convergem para a construção do sujeito-autor da obra, cuja manifestação se dá no momento em que ele assume seu lugar social perante a instituição-literatura.

Não podemos afirmar que Jorge Amado assume um ou outro posicionamento ideológico representado pela voz de uma ou de outra personagem, pois todas as personagens fracassam em seus propósitos, exceto as personagens burguesas, que encontram a felicidade longe da filosofia e da literatura. O que podemos depreender desse sujeito discursivo é que a sua maneira de dizer delega voz a um narrador que se imiscui com as personagens, revelando-se tão em dúvida e em busca da finalidade da vida quanto o círculo de amigos de Paulo Rigger.

Assim, como nossa reflexão sobre a heterogeneidade enunciativa e o discurso citado desenvolve-se no sentido de operacionalizar esses conceitos com o de sujeito e o de *ethos*, inserindo este trabalho numa perspectiva de análise que integre argumentação e discurso, passemos a discorrer sobre a construção do *ethos* de Jorge Amado em *O país do carnaval*.

Maingueneau (1997), considerando que o *ethos* compreende a imagem do enunciador construída por meio do discurso, integra o *ethos* retórico ao quadro teórico da Análise do Discurso, propondo dois deslocamentos: (1) não somente os textos orais, mas também os textos escritos são dotados de um tom enunciativo - um modo de enunciar, de dizer - que suscita a construção da imagem de seu enunciador, o *ethos*; (2) o *ethos* exerce não apenas o papel de conquistar a adesão do coenunciador, mas, sobretudo, o de legitimar a enunciação do discurso em uma dada formação discursiva.

No vasto leque de categorias linguístico-enunciativas possíveis para a apreensão do *ethos*, as formas de heterogeneidade enunciativa apresentam-se como categorias de análise privilegiadas, uma vez que o *ethos* revela-se também graças à maneira como as diferentes vozes sociais irrompem no fio discursivo. Desse modo, a análise do romance *O país do carnaval* não somente identifica o posicionamento ideológico das vozes sociais enunciadas nessa obra, mas, sobretudo, desvela o modo de dizer e o modo de ser do autor da obra no campo literário.

Trata-se aqui de explicitar dois recursos enunciativos responsáveis pela adesão do leitor ao discurso literário, mostrando como esse leitor é capturado não apenas por aquilo que é dito, enunciado, mas pelo jogo entre enunciado e enunciação, do qual faz parte o *ethos*.

No que tange à qualidade do *ethos* que emerge dessa obra literária, podemos entender que se trata de encarar um modo de dizer e de ser - enfim de se comportar e de se colocar no mundo, no caso, o mundo da Literatura - que legitima a enunciação de um discurso literário que busca seu lugar numa escola literária.

Assim, podemos dizer que o sentido do fracasso de suas personagens no romance desliza para a ideia de que os posicionamentos ideológicos representados naquele momento se servem para explicar a natureza do povo brasileiro - à moda de *Macunaíma* - o herói sem nenhum caráter -, não servem para responder à questão sobre a finalidade da vida: “o que queremos para o Brasil e o que queremos para a literatura brasileira?”

Nesse sentido, podemos dizer que o *ethos* de Jorge Amado assume fortes contornos do projeto modernista ao se identificar com uma de suas principais bandeiras: “podemos não saber o que queremos, mas sabemos o que não queremos”.

Considerações Finais

O percurso teórico-analítico exposto até aqui pôde nos oferecer condições de mostrar como o discurso citado e sua inter-relação com o contexto narrativo inscrevem o discurso-outro no fio discursivo do romance e revelam posicionamentos ideológicos que são apreciados valorativamente pelo discurso literário de Jorge Amado. No jogo entre enunciação e enunciado, pudemos mostrar como o simulacro argumentativo entre

as personagens pode revelar a dimensão argumentativa do discurso literário. Podemos observar também como o modo de enunciar o contexto narrativo e o discurso citado pôde produzir um determinado *ethos* do sujeito-autor Jorge Amado.

Desse modo, vimos que *O país do carnaval*, ao discursivizar o tema da busca pelo sentido da vida constrói personagens burguesas que apenas encontram a infelicidade e o fracasso em suas realizações pessoais e profissionais, o que atribui ao romance um tom melancólico. O confronto de ideologias divergentes sobre o fim da vida não oferece uma resposta, como se o autor deixasse o leitor na expectativa de um desfecho para a questão. Todavia, podemos entender que a sua resposta para o sentido da vida é que essa é uma questão que não precisa ter uma só resposta.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. *O país do carnaval*. 31.ed. Rio de Janeiro: Record, 1977 [1931].
- AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. *EID&A-Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em: [<http://www.uesc.br/revistas/eidea>]. Acesso em: 12 dez. 2012.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: n.19, p.25-42, jul./dez.1990.
- _____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Rev. Trad. Leci Borges Barbisan et al. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p.11-80.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.
- BARTHES, R. O efeito de real. In: *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DUARTE, E. A. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. 3.ed. Campinas: Pontes, 1997.

Recebido em 04/03/2013

Aprovado em 19/06/2013